

CATHERINE FISHER

A LENDA
DE SAPPHIQUE

Tradução de Mário Dias Correia

A Arte
Magika

1

Sapphique, dizem, não voltou a ser o mesmo depois da Queda. O seu espírito ficou magoado. Mergulhou no desespero, nas profundezas da Prisão. Rastejou para os Túneis da Loucura. Procurou lugares escuros e homens perigosos.

LENDA DE SAPPHIQUE

A passagem era tão estreita que Attia podia encostar-se a uma das paredes e dar um pontapé na outra.

Esperou na penumbra, à escuta, vendo a sua respiração condensar-se e brilhar nos tijolos. Um tremeluzir de chamas do outro lado da esquina desenhava sombras nas paredes.

Os gritos eram agora mais altos, a inconfundível algazarra de uma multidão exaltada. Ouviu exclamações de júbilo, súbitos vendavais de riso. Assobios e bater de pés. Aplausos.

Lambeu as pequenas gotas de condensação que se lhe tinham formado nos lábios, sentindo-lhes o sabor salgado, sabendo que tinha de enfrentá-los. Chegara demasiado longe, procurara durante demasiado tempo para recuar agora. De nada servia sentir-se pequena e assustada. Não se quisesse Fugir, um dia. Endireitou-se, avançou lentamente até ao fim da passagem e espreitou para fora.

Havia centenas de pessoas apinhadas na pequena praça iluminada por archotes. Acotovelavam-se no pouco espaço disponível, de costas para ela, o fedor a suor e a corpos insuportável. Atrás da multidão, meia dúzia de velhas esticava o pescoço para ver. Meios-homens acocoravam-se nas sombras. Garotos trepavam para os ombros uns dos outros de modo a empoleirarem-se nos telhados das casas decrepitas. Bancas com toldos de lona garridos vendiam comida quente, e o cheiro pungente a cebola frita aguçou a fome que sentia.

Também a Prisão estava interessada. Mesmo por cima dela, sob o beiral de palha imunda, um dos pequenos Olhos vermelhos espiava curiosamente a cena.

O uivo de júbilo que se ergueu da multidão fê-la endireitar os ombros; avançou deliberadamente; três ou quatro cães disputavam uns restos; contornou-os, passou diante de um portão escuro. Sentiu alguém deslizar atrás dela; sacou da faca e voltou-se.

– Nem tentes.

O carteirista recuou, as mãos abertas, a sorrir. Era escanzelado, estava sujíssimo e restavam-lhe muito poucos dentes.

– Não há problema, querida. Engano meu.

Attia ficou a vê-lo desaparecer no meio da multidão.

– Teria havido – murmurou e, devolvendo a faca à bainha, fez o mesmo que ele.

Não foi fácil abrir caminho. As pessoas eram como uma parede, desejosas de ver o que quer que estivesse a acontecer lá à frente; rosnavam, riam, exclamavam em uníssono. Crianças esfarrapadas rastejavam por entre os pés dos espectadores, pontapeadas e pisadas. Attia empurrava e praguejava, esgueirava-se por pequenas aberturas, passava por baixo de cotovelos. Havia alturas em que ser pequena se tornava útil. E ela precisava de chegar à frente. Precisava de o ver.

Sem fôlego e magoada, espremeu-se por entre dois homens enormes e encontrou ar.

Acre de fumo. Havia archotes a arder e a estralejar por todo o lado; diante dela, um pedaço de terreno lamacento tinha sido vedado com uma corda.

Sentado na lama, sozinho, estava um urso.

Attia observou-o.

A pelagem negra do urso era emaranhada e suja, os olhos, pequenos e selvagens.

O animal tinha uma corrente ao pescoço, uma corrente cuja extremidade o tratador, um homem completamente calvo e de bigode comprido, a pele a brilhar de suor, segurava. O homem tinha um tambor suspenso de uma correia que lhe passava pelo pescoço; começou a tocar ritmicamente e deu um violento puxão à corrente.

Devagar, o urso ergueu-se sobre as patas traseiras e dançou.

Mais alto do que um homem, a mover-se pesadamente, rodou sobre si mesmo, a ponta do focinho a pingar baba, a corrente a deixar-lhe um rasto sangrento no pelo.

Attia franziu o sobrolho. Conhecia muito bem aquela sensação.

Levou a mão ao pescoço, onde os vergões e as feridas deixadas pela corrente que em tempos usara estavam reduzidos a marcas que já quase não se notavam.

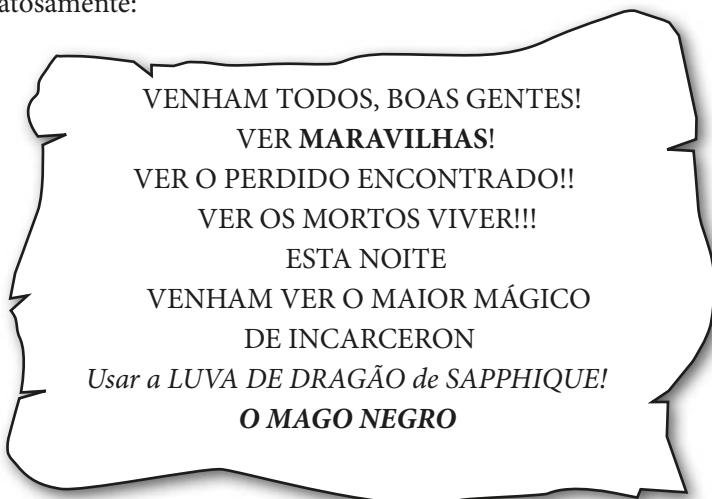
Tal como aquele urso, também ela havia sido acorrentada. E, se não fosse Finn, ainda agora se encontraria assim. Ou, mais provavelmente, estaria morta.

Finn.

O nome dele era em si mesmo uma ferida. Doía-lhe pensar na sua traição.

O tambor rufou mais alto. O urso saltou, e a maneira desajeitada como agarrava a corrente com as patas fez rugir a multidão. Attia olhava, sombria. Então, atrás do animal, viu um cartaz. Estava colado na parede húmida, o mesmo cartaz que fora espalhado por toda a aldeia e que encontrava para onde quer que olhasse.

Amarrotado e molhado, a rasgar-se nas margens, convidava espalhafatosamente:



Attia abanou tristemente a cabeça. Depois de, durante dois meses, ter procurado por corredores e alas vazias, aldeias e cidades, planícies e fileiras de celas brancas, um Sapiante, um nascido-na-cela, alguém que

soubesse alguma coisa a respeito de Sapphique, tudo o que encontrara fora um espetáculo de saltimbancos manhoso num beco escuro.

A multidão aplaudiu e bateu com os pés. Attia foi empurrada para trás; quando voltou a abrir caminho até à primeira fila, viu que o urso se voltara e enfrentava o tratador, que, alarmado, tentava puxá-lo para baixo e o empurrava para a escuridão com uma comprida vara. Os homens em redor atroaram os ares com as suas gargalhadas de escárnio.

– Da próxima vez, tenta dançar tu com o bicho! – gritou um deles. Uma mulher riu-se.

Das últimas filas ergueram-se vozes a exigir mais, qualquer coisa nova, qualquer coisa diferente, impacientes e mordazes. Começaram a soar palmas lentas, compassadas. E então esmoreceram, calaram-se.

No espaço vazio entre os archotes estava uma figura, de pé.

Tinha surgido do nada, materializara-se a partir do nada, das sombras e das chamas. Era um homem alto, e usava uma casaca negra que brilhava estranhamente com milhares de pequenas centelhas. Quando ergueu os braços, as mangas largas deslizaram para baixo. A gola do casaco subia-lhe à volta do pescoço; na penumbra parecia jovem, com cabelos compridos e escuros.

Ninguém falava. Attia sentiu o choque silenciar a multidão.

Era a imagem de Sapphique.

Toda a gente sabia como era Sapphique; havia milhares de retratos, de esculturas, de descrições. Era o Alado, O Que Tinha Nove Dedos, O Que Fugira da Prisão. Tal como Finn, prometera voltar. Attia engoliu em seco, nervosa. Tinha as mãos a tremer. Cerrou os punhos com força.

– Amigos – a voz do mago era baixa; as pessoas esforçavam-se por ouvir –, bem-vindos ao meu círculo de maravilhas. Pensam que o que vão ver são ilusões. Pensam que vou enganar-vos com espelhos e cartas falsas, com engenhos escondidos. Mas eu não sou como os outros mágicos. Sou o Mago Negro, e vou mostrar-vos verdadeira magia. A magia das estrelas.

A multidão arquejou a uma só voz.

Porque ele tinha erguido a mão direita e nela usava uma luva de tecido preto, e da luva saltavam e crepitavam faíscas luminosas. Os archotes em redor tremularam e quase se extinguíram. Atrás de Attia, uma mulher gemeu de terror.

Attia cruzou os braços. Observava, decidida a não se deixar deslumbrar. Como faria ele aquilo? Poderia ser de facto a Luva de Sapphi-que, depois de tanto tempo? Possuiria ainda algum estranho poder? Mas, enquanto olhava, as dúvidas que sentia começaram a escapar ao seu controlo.

O espetáculo era extraordinário.

O Mago mantinha a multidão numa espécie de hipnose. Pegava em objetos, fazia-os desaparecer e reaparecer, apanhava pombas e escarave-
lhos do ar, pôs uma mulher a dormir e então fê-la erguer-se lentamente, sem qualquer apoio, na penumbra carregada de fumo acre. Tirou borboletas da boca de uma criança aterrorizada, fez surgir moedas de ouro e atirou-as para o meio das mãos ávidas, desesperadas, que tentavam apanhá-las, abriu uma porta no ar e desapareceu por ela, e a multidão uivou e gritou a pedir-lhe que voltasse, e quando voltou apareceu atrás das pessoas, caminhando calmamente por entre o frenesi da turba que se des-
viava, cheia de reverência e espanto, como se tivesse medo de lhe tocar.

Quando passou por Attia, ela sentiu a manga da casaca roçar-lhe o braço, e a pele arrepiou-se-lhe, e todos os pelos do corpo se eriçaram como que sob a ação de uma ligeira estática.

De algures, uma mulher gritou:

– Cura o meu filho, ó Sábio! Cura-o!

Uma criança foi erguida e começou a ser passada de mão em mão por cima das cabeças das pessoas.

O Mago voltou-se e levantou uma mão.

– Isso será feito mais tarde. Não agora. – A voz dele plena de autoridade. – Agora preparo-me para reunir todos os meus poderes. Para a leitura das mentes. Para a entrada na morte e o regresso à vida.

Fechou os olhos.

Os archotes bruxuleavam com pequenas chamas.

De pé e sozinho no escuro, o Mago murmurou:

– Há aqui muita dor. Há aqui muito medo. – Quando voltou a olhar para eles, pareceu esmagado pelo número, quase com medo da tarefa que tinha pela frente. – Quero que três pessoas venham até mim – continuou, na mesma voz baixa. – Mas terão de ser aqueles que não temam revelar os seus medos mais profundos. Só aqueles dispostos a expor a alma diante dos meus olhos.

Ergueram-se várias mãos. Mulheres gritavam. Ao cabo de um momento de hesitação, também Attia ergueu a mão.

O Mago avançou para a multidão.

– Aquela ali – disse, e uma mulher foi empurrada para a frente, muito corada e aos tropeções. – Ele. – Um homem alto que nem sequer se oferecera foi arrastado pelos que o rodeavam. Praguejou e manteve-se desajeitadamente de pé, como que paralisado pelo terror.

O Mago voltou-se. O seu olhar passava, inexorável, pela massa de rostos ansiosos. Attia susteve a respiração. Sentiu o olhar sombrio do homem passar-lhe pelo rosto como um calor, deter-se, voltar para trás. Os olhos dos dois encontraram-se por um negro instante. Lentamente, o homem ergueu a mão direita e apontou para ela um dedo comprido, e a multidão gritou porque todos viram que, tal como a Sapphique, lhe faltava o indicador.

– Tu – sussurrou o Mago.

Attia inspirou fundo, para se acalmar. O coração martelava-lhe o peito, de tanto terror. Teve de obrigar-se a avançar para o espaço escuro e cheio de fumo. Mas era importante manter-se calma, não mostrar medo. Não mostrar que era diferente de todos os outros.

Ficaram os três em linha e Attia sentiu a mulher a seu lado tremer de emoção. O Mago caminhou ao longo da fila, os olhos a escrutinarem-lhes as caras. Attia enfrentou-lhe o olhar o mais desafiadoramente que pôde. Nunca ele conseguiria ler-lhe os pensamentos, disso tinha a certeza. Tinha visto e ouvido coisas que ele nunca poderia imaginar. Tinha visto o Exterior.

Ele pegou na mão da mulher. Ao cabo de um instante disse, muito baixo:

– Tens saudades dele.

A mulher olhou para ele, espantada. Uma madeixa de cabelos caiu-lhe para a testa cheia de rugas.

– Oh, sim, Mestre. Muitas.

O Mago sorriu.

– Não temas. Ele está a salvo na paz de Incarceron. A Prisão guarda-o na sua memória. O corpo dele está inteiro nas suas celas brancas.

A mulher foi sacudida por soluços de alegria, beijou-lhe as mãos.

– Obrigada, Mestre. Obrigada por mo teres dito.

Os espetadores rugiram de satisfação. Attia permitiu-se um sorriso sardónico. Eram tão estúpidos! Seria possível que não tivessem reparado que o pseudomágico não dissera absolutamente nada à mulher? Um palpite feliz e meia dúzia de palavras vazias, e eles tinham engolido tudo.

A verdade era que escolhera cuidadosamente as suas vítimas. O homem alto estava tão aterrorizado que diria o que quer que fosse; quando o Mago lhe perguntou como estava a mãe doente, pôs-se a gaguejar e respondeu que estava a melhorar, senhor. A multidão aplaudiu.

– Sem dúvida que está. – O Mago agitou a mão mutilada, pedindo silêncio. – E profetizo o seguinte: a Luzes-Acesas, a febre dela terá diminuído. Sentar-se-á e chamará por ti, meu amigo. Viverá mais dez anos. Vejo os teus netos sentados no seu regaço.

O homem nem conseguia falar. Attia sentiu-se enojada quando lhe viu os olhos cheios de lágrimas.

Um murmúrio percorreu a assistência. Talvez estivessem menos convencidos, porque quando o Mago chegou diante de Attia, voltou-se repentinamente para enfrentar os espectadores.

– É fácil, pensam alguns de vocês, falar do futuro. – Ergueu o rosto jovem e olhou para eles. – Como é que vamos saber, pensam, se ele acertou ou não? E têm razão ao duvidar. Mas o passado, meus amigos, o passado é uma coisa completamente diferente. Vou agora falar-vos do passado desta rapariga.

Attia ficou tensa.

– Talvez ele tenha sentido aquele medo, pois esboçou um ligeiro sorriso. Virou-se para ela, os olhos a tornarem-se lentamente vítreos, distantes, escuros como a noite. Então ergueu a mão mutilada e tocou-lhe na testa.

– Vejo uma longa jornada – murmurou. – Muitos quilómetros, muitos dias de esgotante caminhada. Vejo-te acorada como um animal. Vejo uma corrente à volta do teu pescoço.

Attia engoliu saliva. Queria fugir dali. Em vez disso, assentiu com um gesto de cabeça, e a multidão ficou silenciosa.

O Mago pegou-lhe na mão. Apertou-a na sua, e os dedos enluados eram compridos e ossudos. A voz parecia intrigada.

– Vejo coisas estranhas no teu espírito, rapariga. Vejo-te a subir uma escada muito alta, a fugir de uma grande Fera, a voar num navio prateado sobre cidades e torres. Vejo um rapaz. O nome dele é Finn.

Ele traiu-te. Deixou-te para trás e apesar de ter prometido voltar, temes que nunca o faça. Ama-lo e odeia-lo. Não é verdade?

Attia tinha o rosto a arder. A mão dela tremeu.

– Sim – murmurou.

A multidão estava fascinada.

O Mago olhava para ela como se a sua alma fosse transparente; Attia percebeu que não conseguia desviar os olhos. Estava a acontecer qualquer coisa ao homem, uma estranheza invadia-lhe o rosto, por trás dos olhos. Pequenas centelhas de luz brilharam-lhe na casaca. A luva era como gelo à volta dos dedos dela.

– Estrelas – disse ele, num sopro. – Vejo estrelas. Por baixo delas, um palácio dourado, de janelas iluminadas pela luz de velas. Vejo-o através do buraco da fechadura de uma porta negra. Fica longe, muito longe. Está no Exterior.

Attia olhava para ele, estupefacta. A força com que o homem lhe agarrava a mão magoava-a, mas ela não conseguia mexer-se. A voz do Mago era um murmúrio.

– Há uma Saída. *Sapphique encontrou-a*. O buraco da fechadura é pequeno, mais pequeno do que um átomo. E a águia e o cisne abrem as asas para o guardar.

Tinha de mexer-se, de quebrar o feitiço. Olhou para o lado. Havia pessoas apinhadas nas orlas da arena: o tratador do urso, sete malabaristas, dançarinas da trupe. Todas tão imóveis como o resto da multidão.

– Mestre – murmurou.

Os olhos dele faiscaram.

– Procuras um Sapiante que te mostre a Saída – disse ele. – Esse homem sou eu. – A voz tornou-se mais forte; voltou-se para os espectadores. – O caminho que *Sapphique* seguiu passa pela Porta da Morte. Vou levar esta rapariga até lá e trazê-la de volta!

A assistência rugiu. O Mago levou Attia pela mão até ao centro do espaço cheio de fumo. Já só um archote ainda ardia. Havia um sofá. Com um gesto, mandou-a deitar-se.

Aterrorizada, ela obedeceu.

Um homem gritou no meio da multidão, e os outros mandaram-no calar.

Os corpos inclinavam-se para a frente, o calor e o cheiro a suor tornaram-se ainda mais intensos.

O Mago ergueu a mão enluvada.

– A Morte – disse. – Tememo-la. Faríamos tudo para a evitar. E no entanto a Morte é uma porta que abre para os dois lados. Verão, com os vossos próprios olhos, os mortos viverem.

O sofá era duro. Attia agarrou-se com força. Aquilo era o que viera procurar.

– Vejam – disse o Mago.

Voltou-se e a multidão gemeu, porque na mão dele havia uma espada. Estava a extraí-la do ar; lentamente, saía da escuridão, a lâmina a brilhar com uma fria luz azul. Ergueu-a e, incrivelmente, quilómetros mais acima, no distante teto da Prisão, faiscaram relâmpagos.

O Mago olhou para cima; Attia piscou os olhos.

Ribombaram trovões, como gargalhadas.

Por um instante, todos escutaram, na tensa expectativa de que a Prisão fizesse qualquer coisa, de que as ruas caíssem, de que o céu desaparecesse, de que o gás e as luzes os matassem a todos.

Mas Incarceron não interferiu.

– A minha mãe, a Prisão – disse rapidamente o Mago –, observa e aprova.

Voltou-se.

Havia algemas metálicas suspensas dos lados do sofá; fechou-as à volta dos pulsos de Attia, e depois passou-lhe correias pelo pescoço e pela cintura.

– Não te mexas – disse, os olhos brilhantes a explorarem o rosto dela. – Ou o perigo é extremo.

Voltou-se novamente para a multidão.

– Vejam – gritou. – Vou libertá-la. E vou trazê-la de volta!

Ergueu a espada sobre o peito de Attia, segurando-a com ambas as mãos. Attia quis gritar «Não!», mas o seu corpo estava gelado e dormente, toda a sua atenção concentrada na ponta aguçada e refulgente.

E, antes que pudesse respirar, ele cravou-lha no coração.

Aquilo era a morte.

Era quente e pegajosa e vinha em ondas que passavam por cima dela como uma dor. Não tinha ar para respirar, nem palavras para dizer. Era um sufoco na garganta.

E então era pura e azul e vazia como o céu que vira no Exterior, e Finn estava nela, e Claudia, e ambos se encontravam sentados em tronos dourados, e voltaram-se para olhar para ela.

E Finn disse:

– Não me esqueci de ti, Attia. Hei de libertar-te.

Só conseguiu dizer uma palavra, e quando a disse viu o choque no rosto dele:

– Mentiroso.

Abriu os olhos.

A capacidade de ouvir pareceu voltar com um estalo, como se viesse de algures muito longe; a multidão rugia e uivava, deliciada, e as alças foram abertas, as correias, desapertadas. O Mago estava a ajudá-la a pôr-se de pé. Attia olhou para baixo e viu que o sangue que lhe ensopara as roupas estava a desaparecer, que a espada que ele empunhava estava limpa; que podia levantar-se. Inspirou um grande hausto de ar e os olhos desanuviaram-se-lhe; viu que havia pessoas em cima dos telhados, agarradas aos beirais, inclinadas das janelas, e a tempestade de aplausos não abrandava, uma ululante maré de adoração.

O Mago Negro agarrou-lhe na mão e obrigou-a a agradecer com ele, e a mão enluvada erguia a espada acima da cabeça enquanto os malabaristas e as dançarinas avançavam para apanhar discretamente as moedas que caíam sobre eles como uma chuva de estrelas.

Quando acabou, quando a multidão começou a dispersar, Attia deu por si numa canto da praça, a abraçar-se a si mesma. Ardia-lhe no peito uma vaga dor, como um lume brando. Algumas mulheres juntavam-se diante da porta por onde o Mago tinha entrado, os filhos doentes já nos braços.

Respirou lentamente. Sentia-se entorpecida, e estúpida. Sentia-se como se uma grande explosão a tivesse ensurdecido e atordoado.

Rapidamente, antes que alguém reparasse, escapuliu-se por baixo dos beirais, passou pela cova do urso, pelo esfarrapado acampamento dos saltimbancos. Um deles viu-a, mas deixou-se ficar sentado junto à fogueira que tinham acendido, a cozinhar pedaços de carne.

Abriu uma pequena porta debaixo do telhado de um alpendre e deslizou para o interior.

Quase não havia luz.

Ele estava sentado em frente de um espelho sujo, iluminado por uma única vela bruxuleante, e ergueu os olhos e viu o reflexo dela.

Tirou a peruca preta, endireitou o dedo que faltava, limpou a maquiagem da cara sulcada de rugas, atirou a esfarrapada casaca para o chão.

Então, apoiou os cotovelos na mesa e dirigiu-lhe um sorriso desdentado.

– Uma excelente representação – disse.

Ela assentiu.

– Eu disse-te que era capaz.

– Bem, estou convencido, querida. O lugar é teu, se ainda o quiseres.

Meteu um pedaço de ket na boca e começou a mastigar.

Attia olhou em redor. Não havia sinal da Luva.

– Oh, sim – disse. – Quero.